

The background of the cover is a light orange color with a faint, stylized map of a region. Overlaid on the map are several detailed blue line drawings of archaeological site plans, showing various structures, walls, and courtyards. A thick, white, curved line sweeps across the middle of the cover, separating the title area from the lower half.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A TERRA SIGILLATA E A CERÂMICA DE COZINHA AFRICANA NA CIDADE DE LISBOA NO QUADRO DO COMÉRCIO DO OCIDENTE PENINSULAR – O CASO DO EDIFÍCIO DA ANTIGA SEDE DO BANCO DE PORTUGAL

Ana Beatriz Santos¹

RESUMO

Apresenta-se uma abordagem ao conjunto de *terra sigillata* e de cerâmica de cozinha africana exumado no decorrer da intervenção arqueológica realizada no edifício da antiga Sede do Banco de Portugal.

Identificaram-se diversas categorias cerâmicas, com uma diacronia que se estende desde o final do séc. I a.C. até finais do V/meados do séc. VI d.C., tais como a *sigillata* itálica, a sudgálica, a de imitação tipo Peñafior, a hispânica, a *sigillata* clara A, C e D, a hispânica tardia e a cerâmica de cozinha africana.

Este estudo permitiu observar padrões de consumo e de importação destas cerâmicas para a área de Lisboa, assim como comparar os dados obtidos com as informações existentes para outros sítios de *Olisipo* e do actual território português.

Palavras-chave: *Terra sigillata*; Lisboa; Romano; Cerâmica de Cozinha Africana; *Olisipo*.

ABSTRACT

We present the study of *terra sigillata* and African cooking ware recovered during the archaeological intervention carried out in the building of the former Sede of Banco de Portugal.

Several ceramic categories were identified, from the late 1st century BC to the late 5th/mid 6th century AD, such as the Italian *sigillata*, South Gaulish, the imitation type Peñafior, Hispanic *sigillata*, African Red Slip A, C and D, Late Hispanic *sigillata* and African cooking ware.

Based on the forms, fabrics and their chronological context, this study allowed the identification of patterns of consumption and import of these ceramics to the area of Lisbon, and the comparison of the data with existing information for other sites in the Lisbon area and the Portuguese territory.

Keywords: *Terra sigillata*; Lisbon; Roman; African Cooking Ware; *Olisipo*.

1. INTRODUÇÃO

Nas intervenções realizadas no edifício da antiga Sede do Banco de Portugal exumou-se uma imensa quantidade de espólio cerâmico que permitiu caracterizar a evolução da zona da Baixa lisboeta desde o período Romano Imperial até à actualidade.

O conjunto que aqui se apresenta é composto pelos

fragmentos de *terra sigillata* e de cerâmica de cozinha africana recolhidos (a investigação realizou-se no âmbito da dissertação de mestrado em Arqueologia da FLUL (ver Santos, 2015).

Apesar de muitas das cerâmicas apresentarem um elevado desgaste e boleamento, foi possível a sua identificação, análise dos fabricos e o seu enquadramento cronológico.

1. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / asantos@campus.ul.pt

A cronologia do conjunto estende-se desde os finais do séc. I a.C., com os fragmentos de *sigillata* itálica, chegando aos finais do séc. V/meados do VI d.C., com os exemplares de *sigillata* clara D. Contudo, a maioria dos exemplares estudados situam-se entre meados do séc. II d.C. e o séc. III/inícios do IV d.C. Os objectivos deste trabalho foram a identificação e caracterização do consumo e da importação da *sigillata* e da cerâmica de cozinha africana presentes no conjunto e a sua comparação com sítios da área de Lisboa e do actual território português.

2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

O edifício da antiga Sede do Banco de Portugal situa-se na Baixa Pombalina, na actual freguesia de Santa Maria Maior, em Lisboa (fig. 1). Este local corresponderia em época Romana a uma área nas margens do rio Tejo.

Os trabalhos arqueológicos, que decorreram entre 2010 e 2012, sob coordenação de Artur Rocha, inseriram-se num plano de remodelação do edificado do quarteirão pombalino (ver Rocha *et alii*, 2013).

Das sondagens escavadas, destacam-se as que estão na origem do conjunto de *terra sigillata* e cerâmica de cozinha africana (sond. 2-20; 7; 12; 30). Aí identificaram-se cinco horizontes sedimentares, com cores e granulometria distintas (Rocha, 2011, p. 16). As unidades estratigráficas de época Romana agrupavam-se em dois horizontes sedimentares, o Cinzento, que assentava directamente no substrato geológico, e o Vermelho, sendo ambos compostos por muitos seixos rolados e espólio cerâmico muito boleado (Rocha, 2011, p. 46).

Foi ainda identificada uma quantidade significativa de ânforas (Filipe, 2018), de cerâmica comum e de cerâmica de construção, com várias cronologias dentro do período romano. Contudo, não se registou a presença de estruturas que comprovassem a urbanização da área (Rocha *et alii*, 2013).

3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A amostra é composta por *terra sigillata* (itálica, sudgálica, de imitação tipo Peñaflores, hispânica, *sigillata* clara A, C e D e a hispânica tardia) e por cerâmica de cozinha africana.

Apesar das limitações observadas em alguns fragmentos, como o desgaste e boleamento acentuados,

registou-se um total 1244 fragmentos (Fig. 2): 953 fragmentos (324 NMI) de *sigillata*, 231 fragmentos (162 NMI) de cerâmica de cozinha africana e 60 fragmentos de difícil distinção, aos quais atribuímos a designação genérica de “Indeterminadas/Africanas”, pois não conseguimos fazer a diferenciação entre *sigillata* norte africana e cerâmica de cozinha africana, observando-se apenas que as pastas possuem características das cerâmicas norte africanas.

3.1. Terra Sigillata

3.1.1. Terra Sigillata Itálica (Fig. 4)

Representada apenas por nove fragmentos (5 NMI) esta categoria de cerâmica começou a ser comercializada em *Olisipo* nos finais do séc. I a.C., durante o principado de Augusto.

Identificou-se um fragmento de fundo Consp. B 1.2 (nº1), a forma mais antiga, que pode ter pertencido à forma Consp. 1, com cronologias entre 40 e 15 a.C., enquanto a forma itálica mais tardia do conjunto é o fundo Consp. B 1.11 (nº3), que pode corresponder às formas Consp. 3.2, 4.6, 6, 20 e 21, datadas desde o período de Tibério a Flávio. Igualmente relevantes são os bordos das formas Consp. 18.2 (nº4) e Consp. 22.1 (nº2), assim como um pequeno fragmento de fundo com uma marca de oleiro (nº5), onde se pode ler TAR. Esta marca pode ser atribuída, segundo o *Corpus Vasorum Arretinorum* (Oxé, Comfort, Kenrick, 2000, p. 418), a L. TARQUITIUS, que produziu em Arezzo, entre 15 a.C. e 15 d.C. Apesar de incompleta, esta marca é idêntica ao punção OCK 2040.15, em que se observa o A e o R em nexos.

Verificou-se que quer nesta amostra quer nos restantes conjuntos analisados da área de Lisboa a maior parte da *sigillata* itálica recolhida pertence ao serviço II de Haltern (Ettlinger *et alii*, 1900), existindo, contudo, alguns sítios onde se registam exemplares mais antigos, não sendo esses a maioria.

3.1.2. Terra Sigillata Sudgálica (Fig. 4)

A *sigillata* Sudgálica está representada com 208 fragmentos (65 NMI). Estes apresentam características bastante uniformes no que concerne ao seu fabrico, originário de La Graufesenque. Esta produção integrou ainda peças marmoreadas que se encontram também presentes.

As formas lisas estão representadas por 48 exemplares, correspondendo aos pratos Drag. 15/17 (nº6) e Drag. 18 (nº7) e às taças Drag. 24/25 (nº9) e Drag. 27 (nº10), e já menos comuns às taças Drag. 22, Drag. 33

(nº8), Ritt. 9 (nº13) e à taça/prato Drag. 35/36 (nº12). Estas formas encontram-se datadas genericamente entre os inícios do séc. I d.C. e os inícios do séc. II (Passelac e Vernhet, 1993).

As formas decoradas são compostas por sete NMI, correspondendo às taças Drag. 29B e Drag. 37. Os exemplares de Drag. 29B ostentam guilhoché, sendo que o nº11 não conserva a restante composição decorativa, e no nº20 a decoração encontra-se muito desgastada, sendo possível identificar o que seria um círculo acompanhado de um festão.

Um fragmento de bordo da forma Drag. 37 (nº21) apresenta uma decoração tremida, o que demonstra uma moldagem mal conseguida, na qual se observa uma linha de pérolas seguida de uma figura mitológica alada, idêntica ao motivo Apolo – APO 001 (Mees, 2014), podendo este ser atribuído ao oleiro *Sabinus* i, que laborou entre as décadas de 50 e 100 d.C.

Existem mais 10 exemplares com decoração de forma indeterminada (paredes e um fundo), datados entre o período de “esplendor” e de “transição” de La Graufesenque, ou seja, entre 40 e 80 d.C., como comprovam os motivos presentes nas decorações. O nº17 apresenta uma linha de óvulos intercalados por uma lingueta a terminar em roseta de sete pétalas com um pequeno ponto no centro da roseta. Esta decoração está associada ao oleiro *Calvo* e é das mais comuns do séc. I (Dannell, Dickinson e Vernhet, 1998, p. 81). Já no nº14 observa-se a decoração de uma ave, aparentemente dentro de um medalhão. A peça nº18 apresenta folhas ladeadas por círculos. Os motivos presentes no nº15 parecem corresponder a uma composição de cruces de Santo André intercaladas com um motivo que não foi possível identificar. E por último, o nº19 possui duas linhas peroladas, divididas por uma moldura, seguidas de motivos vegetais e de uma ave.

Na amostra estudada registaram-se ainda quatro fragmentos marmoreados, tendo sido possível enquadrar dois destes indivíduos nas formas Drag. 35/36 e Ritt. 9.

Contabilizaram-se duas marcas de oleiro, sendo identificado o oleiro somente numa (nº18) que apresenta cartela retangular onde se pode ler OF SENOV, sendo que a letra E se encontra retrógrada, correspondendo possivelmente ao oleiro *Senoviri*. Segundo Polak (2000, p. 331), *C. Cingius Senoviri* (já registada na base de dados Samian research com o ID 161820: Samian Research, C. Cingius Senoviri 7a, <http://www.rgzm.de/samian>) foi dos últimos oleiros

de La Graufesenque a exportar as suas peças. Neste centro produtor identificaram-se exemplares com a sua marca juntamente com os desperdícios perto de um forno que foi utilizado entre 80 d.C. e 120/130 d.C. Apesar da difusão deste oleiro estar reconhecida em França, Inglaterra, Alemanha e Holanda, aparentemente até ao momento não se conheciam exemplares na Hispânia de acordo com a base de dados Samian Research.

As primeiras *sigillatas* sudgálicas devem ter chegado a esta área de Lisboa em torno da primeiras décadas do séc. I d.C., como comprova a existência das formas Ritt. 9 e Drag. 24/25. O estudo das formas lisas e decoradas, assim como das marcas de oleiro, indicam-nos que a sua importação se distribuiu de forma relativamente regular sobretudo entre os meados do séc. I d.C. e o primeiro quartel do séc. II d.C.

Verificamos que nos demais sítios da área de Lisboa existem duas formas comuns, a Drag. 18 e a Drag. 27, sendo estas igualmente as formas mais frequentes nesses locais. A presença sistemática das mesmas formas demonstra o grande sucesso, em termos comerciais, que estas tiveram, pois, os conjuntos são muito desiguais do ponto de vista da formação das amostras.

3.1.3. *Terra Sigillata* Hispânica e de imitação tipo Peñaflores (Fig. 5)

A amostra de *sigillata* hispânica é constituída por 274 fragmentos (87NMI), tendo sido identificadas duas produções distintas: a de *Tritium Magallum* e a de Andújar; e ainda a *sigillata* de imitação tipo de Peñaflores. A *sigillata* de imitação tipo Peñaflores teve vários centros produtores, alguns já comprovados arqueologicamente, como o sítio de Peñaflores (antiga *Celti*), *Isturji* e *Colonia Patricia* (Vázquez Paz e García Vargas, 2014, p. 301-321). A sua produção iniciou-se por volta da época tardo-republicana e pré-augustana chegando ao séc. V, apresentando sobretudo formas que imitam formas itálicas e de engobe vermelho pompeiano. Registou-se somente um pequeno fragmento de bordo (nº41) com este fabrico, que corresponde ao tipo III de Martinez, tipologia posteriormente revista por Amores e Keay (1999), que imita os pratos de engobe de vermelho pompeiano.

Produzidas no centro de *Tritium Magallum* identificaram-se 132 fragmentos. Já dentro da produção de Andújar distinguiram-se dois fabricos, que denominamos fabrico Andújar I (107 fragmentos) e II (14 fragmentos).

As formas lisas correspondem a 58 indivíduos, como os pratos Drag. 15/17 (variantes C e E) (nº22), Drag. 18 (A, B e C) (nº23) e as taças Drag. 27 (nº25), e Drag. 24/25 (nº24). A forma Hispânica 7A (nº 28) também se encontra representada, assim como as formas Drag. 33B (nº26) e Drag. 35/36 (nº27), ambas em menor número.

As formas decoradas presentes são as mais comuns desta produção: a Drag. 29 (nº29) e a Drag. 37A (nº30), e apesar de não ter sido possível enquadrar tipologicamente os restantes fragmentos decorados, foi possível determinar as suas decorações. Assim, o nº32 ostenta faixas de círculos concêntricos (segmentados e denteados) correspondendo ao que Romero Carnicero (1999, p. 208) identificou como “motivo circular III”; no nº35 observam-se círculos concêntricos (simples, segmentados e dentados) com uma palmeta de seis pétalas ao centro; o nº34 possui faixas de círculos concêntricos simples, sendo que dois deles apresentam parte segmentada e parte ondulada, intercalados com pequenos círculos com anéis delimitados por uma faixa simples; o nº36 ostenta uma linha de ângulos na diagonal seguida de um círculo concêntrico segmentado com um motivo vegetal no centro; o nº33 que possui círculos concêntricos (segmentados e dentados) com um cálice no centro que incorpora elementos ondulantes no exterior; e por último, o nº31, decorado com círculos concêntricos, um deles parcialmente segmentado, que alternam com um elemento vertical formado por aspas e outro de extremidade bifida. Cronologicamente estes fragmentos devem situar-se em torno do séc. II, como podemos constatar pelas suas decorações. Foram identificadas duas marcas de oleiro. Uma, incompleta, num fundo de uma taça Drag. 27, possivelmente em cartela retangular; e outra (nº39), no fundo interno de um prato Drag. 15/17, em cartela retangular, apenas conservando o N, o que não nos permite identificar oleiro. Este fundo possui também o grafito XR ou XIR, no fundo exterior da peça, o que coloca igualmente algumas reservas na sua leitura.

A *sigillata* hispânica, terá sido distribuída para Lisboa a partir dos finais do séc. I chegando até aos finais do séc. II, num momento em que a cerâmica norte africana já lhe faria concorrência no mercado. Esta é a segunda maior categoria de *sigillatas* deste conjunto. Esta mostra-se bastante uniforme em termos formais e o mesmo acontece nos restantes sítios da área de Lisboa já estudados, onde também predomina a produção de *Tritium Magallum* sobre a

de Andújar, com exceção da *sigillata* hispânica recolhida no jardim do Palácio dos Condes de Penafiel (Silva, 2012).

3.1.4. *Terra Sigillata* Norte Africana (Fig. 5 e 6)

A *sigillata* norte africana é constituída por 460 fragmentos (166 NMI), tendo três produções distintas: a clara A, produzida muito possivelmente no norte da Tunísia (Hayes, 1972) ou em Oudhna; a clara C, originária da Bizacena central; e a *sigillata* clara D, que possui pelo menos quatro centros produtores, todos localizados no norte da Tunísia (Bonifay, 2004, p. 47 e 50). A produção das *sigillatas* Norte Africanas situa-se entre os inícios do séc. II d.C. e finais do séc. V/meados do VI d.C.

A amostra de *sigillata* clara A é composta por 125 indivíduos (300 fragmentos), sendo a categoria dominante no conjunto em estudo.

Na *sigillata* clara A conseguimos atribuir fabrico a 132 fragmentos, tendo sido identificados os fabricos A1 (30 indivíduos), A1/2 (37 exemplares), A2 (64 fragmentos) e A/D (1 indivíduo). Foi possível reconhecer tipologicamente nove formas e respetivas variantes, representadas pelas formas Hayes 3 (A, B e C) (nº 42), a mais antiga aqui registada, situada cronologicamente entre 60 e a metade do séc. II, seguida das formas Hayes 5?, Hayes 6 (nº43), Hayes 8 (A e B) (nº44), Hayes 9 (A e B) (nº45), Hayes 14/17 (nº47) e a Hayes 157 (identificada apenas por um pequeno fragmento de asa que pensamos poder pertencer a esta forma, pois apresenta caneluras longitudinais e a mesma secção que a asa da Hayes 157) datadas da segunda metade do séc. II e do séc. III (Hayes, 1972). As formas mais tardias são a Hayes 27 (nº46) e Hayes 32 (nº48) datadas entre o séc. II e a primeira metade do III (Hayes, 1972; Bonifay, 2004). Na amostra de *sigillata* clara C registaram-se 120 fragmentos (26 NMI), com quatro dos cinco fabricos conhecidos para esta produção: C1 (31 exemplares), C2 (30 indivíduos), C3 (nove fragmentos) e C4 (três exemplares), não tendo sido possível determinar a que fabrico pertencem 47 fragmentos.

Identificaram-se tipologicamente as formas Hayes 45 (A e B) (nº 49), Hayes 46 (nº50), Hayes 48 (B) (nº51), Hayes 50 (A e B) (nº52), e a Hayes 53?, a forma mais tardia, que permite situar cronologicamente este conjunto entre os inícios do séc. III e meados do V (Hayes, 1972; Bonifay, 2004).

Por último, foram identificados 15 indivíduos (40 fragmentos) da produção de *sigillata* clara D. Esta

possui dois fabricos, o D1 (26 fragmentos) e o D2 (sete indivíduos), que se subdividem em duas fases cada, às quais correspondem diferentes cronologias e características de pastas e engobes, contudo, esta distinção não foi possível na maioria dos fragmentos. A amostra de *sigillata* clara D é composta por seis formas diferentes e respetivas variantes: a Hayes 59 (nº55), a mais antiga, datada do primeiro quartel do séc. V, a Hayes 61 (A e B) (nº53), a Hayes 67 (nº57), a Hayes 76 (nº56), a Hayes 91 (C) (nº54) e a Hayes 99, sendo as duas últimas as mais tardias da amostra, com cronologias dos finais do séc. V/meados do VI d.C. Foi também contabilizado o fragmento nº58 de parede/fundo decorado por rosetas impressas, correspondentes ao estilo A (ii) datado do segundo/terceiro quartel do séc. IV (Hayes, 1972), ladeadas por dois sulcos superiores e dois sulcos inferiores, cuja forma não conseguimos determinar. Estes motivos de rosetas ocorrem com frequência juntamente com motivos de folhas de palma e surgem habitualmente em recipientes das formas Hayes 59, 61A e 67.

Em síntese, a *sigillata* clara A poderá ter iniciado a sua importação em torno a primeira metade do séc. II. Posteriormente, a partir de meados desse século e durante a primeira metade do séc. III, com o declínio das produções hispânicas e com a progressiva imposição da *sigillata* clara A, esta deverá ter adquirido predominância no consumo deste tipo de produtos em *Olisipo*. No que concerne às *sigillatas* clara C e D, possuímos amostras relativamente reduzidas. Isto pode ser indicador de uma menor atividade comercial e industrial, assim como um menor consumo nesta área específica da cidade a partir da segunda metade do séc. III até meados do VI d.C., sendo inclusive ausente neste conjunto a *sigillata* foceense tardia.

No que respeita à *sigillata* norte africana não existe ainda muita informação disponível que nos permita traçar o seu perfil de importação para outras áreas de Lisboa.

3.1.5. *Terra sigillata* hispânica tardia (Fig. 5)

A *sigillata* hispânica tardia desta amostra é composta somente por dois fragmentos.

Estas *sigillatas* surgem no séc. III/IV, chegando a sua produção até inícios do séc. VI, e caracterizam-se por possuir pastas de menor qualidade, feitas com argilas mais grosseiras, cozidas a temperaturas mais baixas, de cor rosa-alaranjadas, com vernizes laranjas, porosos, pouco aderentes e opacos, observando-se grandes influências das produções norte africa-

nas (Paz Peralta, 2008, p. 506 e 507).

O seu fabrico assemelha-se às produções de *Tritium Magallum* e do vale do Ebro, mais precisamente ao Conjunto A, Grupo 1 de Paz Peralta (2008, p. 498), que tem uma cronologia entre o séc. III e a primeira metade do IV.

Somente conseguimos caracterizar tipologicamente um fragmento (nº40), identificado como os pratos das formas 8.9 a 8.11 (a forma 8.9 corresponde à forma Paz 83B, enquanto as 8.10 e 8.11 correspondem à forma Palol 2), por serem as mais idênticas ao nosso bordo, produzidas entre 450 e 500, que imitam as formas Hayes 61B ou 84 (Paz Peralta, 2008).

Tal como no Banco de Portugal, também nos demais sítios da área de Lisboa esta produção não se encontra bem representada, ou não está ainda devidamente estudada. Assim, registou-se um fragmento da forma Drag. 37 no NARC (Bugalhão, 2001), um outro exemplar da mesma forma no circo de *Olisipo* (Sepúlveda *et alii*, 2002) e 21 fragmentos desta produção na Praça da Figueira (Ribeiro, 2010).

3.2. Cerâmica de Cozinha Africana (Fig. 6)

A amostra de cerâmica de cozinha africana está representada por 231 fragmentos (162 NMI). Foi produzida em três fabricos diferentes: o A, derivado da *sigillata* clara A, com origem provável no norte da Tunísia; o fabrico B, que se distingue pelo polimento em bandas, oriundo da Bizacena; e o fabrico C, mais especificamente C/A, com peças de bordo enegrecido, com uma produção situada principalmente no norte da Tunísia, (Bonifay, 2004).

Começou a ser produzida a partir do séc. I d.C., sendo o seu apogeu em meados do séc. II d.C., quando surgiram novas formas que serviriam para conter líquidos, como jarras, púcaros e potes, assim como novas variantes das peças já existentes (Aquilué, 1995). No espólio em estudo identificaram-se nove formas diferentes e as suas respetivas variantes, sendo as mais comuns o tacho Hayes 197, seguida do prato/tampa Hayes 196 e da caçoila Hayes 23B.

O tacho Hayes 197 (nº63), produzido no fabrico C/A, está representado com 75 indivíduos. Apresenta três variantes: a variante precoce, datada dos finais do séc. II, a variante clássica, com cronologia dos finais do séc. II e o III, e a variante tardia, dos finais do séc. III e inícios do IV, não tendo sido possível identificar as variantes em alguns fragmentos (Bonifay, 2004; Hayes, 1972).

A evolução tipológica do prato/tampa Hayes 196

(nº62) observa-se através do espessamento das paredes e do bordo. Assim, a variante mais antiga (variante precoce), possui paredes mais finas e bordo menos espessado, e a variante mais recente (variante tardia), apresenta o bordo bastante mais espesso. As fases intermédias (clássica A e B) são caracterizadas por possuir ou não um pequeno pé, respectivamente. Esta forma foi manufaturada no fabrico C/A, e situam-se cronologicamente entre meados do séc. II e os meados do III d.C. (Bonifay, 2004; Hayes, 1972), tendo-se registado 33 fragmentos pertencentes a esta forma, correspondendo 24 à variante clássica A, tendo dois indivíduos que ostentam caneluras internas, cinco à variante B, e um à variante tardia. Não conseguimos estabelecer variantes para seis fragmentos.

A caçoila Hayes 23 foi produzida no fabrico A e, na nossa amostra, a variante B (nº59) é a mais comum com 24 indivíduos, tendo a variante A somente um exemplar.

A caçoila Hayes 181 (nº60) encontra-se produzida no fabrico A, representada com um indivíduo, na variante B, e no fabrico B, aos quais pertencem os demais fragmentos, três dos quais se enquadram na variante B, dois na variante C, um na variante D.

O prato/tampa Hayes 182 (nº61), de fabrico B, possui quatro variantes que se diferenciam, genericamente, pela evolução do bordo, tendo sido identificados nove fragmentos desta forma, sendo três da variante A, dois da variante B, um da variante C e três da variante D.

Como formas minoritárias temos presentes ainda a Ostia I, fig. 264A (nº65), a Ostia IV, fig. 59 (nº67) e a Ostia IV, fig. 61 (nº64), todas no fabrico B, constituindo estas últimas das formas mais tardias desta amostra, datadas dos finais do séc. IV e os inícios do V d.C. Com quatro exemplares temos ainda a forma Ostia III, fig. 324 (nº66), cujo fabrico não conseguimos determinar.

De acordo com os dados do Banco de Portugal a cerâmica de cozinha africana encontra-se presente em *Olisipo* possivelmente desde os finais do séc. I d.C. como comprova a forma Hayes 23A. A importação destes produtos prosseguiu até ao séc. IV como testemunha a expressiva quantidade de Hayes 197.

São escassas as informações existentes na cidade de Lisboa sobre este tipo de cerâmica. Somente conseguimos comprovar a sua existência no teatro romano, com um pequeno fragmento cuja forma não foi possível identificar, e um fragmento de prato Hayes

181 (Fernandes, Sepúlveda e Antunes, 2012); na Rua dos Fanqueiros com um fragmento de Hayes 23B (Diogo e Trindade, 2000); e no fundeadouro da Praça D. Luís I, com exemplares das formas Hayes 23 e Hayes 197, tendo sido ainda identificadas imitações destas formas, assim como da Hayes 181 e Hayes 196 (Parreira e Macedo, 2013).

Devido a esta lacuna existente na investigação na área de Lisboa, procurou-se confrontar estes dados com que se conhece acerca do seu consumo em Tróia (Magalhães, Brum e Vaz Pinto, 2014), e no Algarve em *Balsa* (Viegas, 2007) e em Monte Molião (Viegas e Arruda, 2014; Pereira, 2015), todos sítios com amostras superiores a 100 fragmentos.

Em Tróia registaram-se 149 NMI, forma mais abundante também corresponde à Hayes 197, seguindo-se a Hayes 196, ambas no fabrico C/A. As formas Hayes 23 (A e B) e Hayes 181 (B, C e D), ambas presentes no fabrico A. Com o fabrico B encontram-se as formas Hayes 181, 182 e 185, distribuídas nas suas variantes (Magalhães, Brum e Vaz Pinto, 2014).

Em *Balsa*, recuperaram-se 850 indivíduos, sendo a forma mais abundante a Hayes 196. Presentes também na amostra estão as formas Hayes 23B, Hayes 197, Hayes 183, Hayes 185, Hayes 181, Hayes 182, Ostia II, fig. 311 e Ostia II, fig. 306 (Viegas, 2007).

Com 1648 NMI, no Monte Molião, a forma mais abundante é a Hayes 196, seguida da Hayes 197. Estão também presentes, em menor quantidade, as formas Hayes 23, 181, 182, 184, 185, 195, 199, a Sidi Jdidi 3 e as Ostia I, fig. 264, Ostia II, fig. 306, Ostia II, fig. 310, Ostia II, fig. 312 e a Ostia II, fig. 314 (Viegas e Arruda, 2014; Pereira, 2015).

Observamos que no Sul existe uma maior abundância desta cerâmica. Estes sítios terão começado a receber estas produções em torno de meados do séc. I/primeira metade do séc. II d.C. A importação de cerâmica de cozinha africana para o Sul da Lusitânia terá ocorrido até os finais do séc. IV/inícios do V.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objectivo de se realizar uma leitura mais clara da distribuição cronológica da *terra sigillata*, realizou-se o cálculo das quantidades médias anuais de *sigillata* importada. Para tal utilizámos a metodologia adaptada por Mayet e Bourgeois (1991) no estudo das *sigillatas* de *Baeolo Claudia*, e já utilizada para o estudo das *sigillatas* de Represas (Lopes, 1994), dividindo-se o número de peças identificáveis (NMI)

de cada categoria pelo número de anos em que decorreu a sua importação. Assim, para a *sigillata* itálica considerou-se um período de importação de 30 anos, para a sudgálica um período de 50 anos e para a hispânica de 100 anos.

Como se pode observar no gráfico da figura 3, onde se compara o conjunto em estudo com Praça da Figueira e R. Augusta de acordo com esta estimativa, a *sigillata* itálica é predominante no conjunto da Praça da Figueira, seguindo-se o conjunto da Rua Augusta, sendo a sua representatividade no Banco de Portugal bastante escassa. Isto explica-se com as diferentes cronologias dos sítios, sendo a Praça da Figueira ocupada ainda no séc. I a.C., a Rua Augusta não possuindo elementos anteriores à segunda década do séc. I a.C. (Silva, 2012), e o Banco de Portugal tendo ocupação mais tardia. Nos restantes sítios apresentados esta cerâmica encontra-se presente, mas em menor escala, sendo, contudo, no sítio em estudo onde é menos comum.

No que concerne à *sigillata* sudgálica esta estimativa revela dados bastante homogéneos nos conjuntos estudados, sendo novamente nos sítios da Praça da Figueira e da Rua Augusta nos quais a representatividade desta categoria é maior. O mesmo já não ocorre com a *sigillata* hispânica que, apesar de continuar a ter uma presença significativa na Praça da Figueira, tal não se verifica na Rua Augusta, sendo bastante maior a incidência de *sigillata* hispânica no Banco de Portugal.

Não foi possível efectuar cálculos das estimativas de importação médias anuais para as *sigillatas* norte africanas, porém, verificou-se através da amostra de dados publicados do NARC (Bugalhão, 2001) que a existência de *sigillatas* norte africanas é maioritária. Também no fundeadouro da Praça de D. Luís I (Parreira e Macedo, 2013), se encontra esta realidade, existindo inclusive imitações de *sigillata* norte africana.

No Banco de Portugal, a percentagem de *sigillata* clara A é de 31,48%, sendo a categoria mais abundante. Esta elevada percentagem indica que foi entre os finais do séc. I d.C. e a primeira metade do séc. III que esta área da cidade recebeu/utilizou e/ou descartou a maior parte deste tipo de cerâmica de mesa importada. Isto não sucede nos restantes sítios por nós abordados, onde a *sigillata* clara A, por norma, não ultrapassa os valores da *sigillata* hispânica. Apesar de não serem dados de fácil interpretação no quadro do que se conhece para a cidade, estes po-

dem corresponder a um momento de maior intensidade da atividade comercial e industrial nesta área de *Olisipo*.

Não identificamos fragmentos de *sigillata* focense, mas a sua ausência não surpreende, pois a amostra de *sigillata* clara D é também ela escassa. Esta menor representatividade de *sigillata* clara D, tal como já acontece na *sigillata* clara C, pode indicar uma menor atividade comercial e industrial, assim como um menor consumo desta a partir do séc. III até meados do séc. VI d.C. nesta área específica da cidade. Contudo, a informação existente sobre os ritmos de desenvolvimento da atividade de transformação de preparados piscícolas conhecida nesta área ribeirinha de Lisboa, mostra que as atividades perduram até meados do séc. V/VI, o que parece contradizer estes dados. Assim, estes dados devem ser lidos com a devida precaução e devem ser atestados com outros estudos de áreas próximas que podem vir a confirmar, ou não, o que agora se observou.

No que concerne à cerâmica de cozinha africana, apesar da fraca atenção que tem merecido em detrimento de outras categorias (cerâmica finas ou ânforas), assinala-se a sua presença na área do teatro romano, na Rua dos Fanqueiros e no fundeadouro da Praça D. Luís I (Fernandes, Sepúlveda e Antunes, 2012; Diogo e Trindade, 2000; Parreira e Macedo, 2013).

O sítio do Banco de Portugal seria muito possivelmente uma zona próxima ao porto de *Olisipo*, ou um possível aterro programado (Mota e Martins, 2020) ou lixeira como recentemente propôs J. Ácero Pérez (2020), sendo que os fragmentos estudados nos permitem fornecer alguns elementos que poderão contribuir para o conhecimento da antiga *Olisipo*, dos seus ritmos de consumo e importação, aspectos que o estudo das ânforas já realizado (Filipe, 2019) também comprovam.

Em síntese, *Olisipo* teria uma intensa atividade mercantil, sendo ponto de chegada, troca e redistribuição de produtos alimentares e de cerâmicas para diferentes partes da Península Ibérica, quer por via terrestre quer por via marítima.

BIBLIOGRAFIA

ÁCERO PÉREZ, Jesus (2020) – A gestão dos resíduos na Lisboa Romana. FABIÃO, Carlos (coord.) – *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. A Morfologia urbana*. Vol. III. Câmara Municipal de Lisboa. Caleidoscópio. pp. 103-115.

AMORES, Fernando e KEAY, Simón J. (1999) – Las *sigillatas* de imitación tipo Peñaflores o una serie de hispánicas preco-

- ces. In ROCA ROUMENS, Mercé e FERNÁNDEZ GARCÍA, María Isabel (eds.) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz*. Jaén/Málaga: Universidad de Jaén/Universidad de Málaga, pp. 235-258.
- AQUILUÉ, Xavier (1995) – La cerámica común Africana. In ROCA ROUMENS, Mercé e AQUILUÉ, Xavier (coords.) – *Cerámica comuna romana d'època altoimperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografies Emporitanes; VIII), pp. 61-72.
- BONIFAY, Michel (2004) – Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique. Oxford: BAR Int. series 1301.
- BUGALHÃO, Jacinta (2001) – A indústria romana de transformação e conserva de peixe, em *Olisipo*: o Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros – a intervenção arqueológica. *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa: IPA, 15, 186 p.
- DANNELL, Geoff; DICKINSON, Brenda e VERNHET, Alain (1998) – Ovolos on Dragendorff form 30 from the collections of Frédéric Hermet and Dieudonné Rey. In BIRD, Joanna – *Form and Fabric. Studies in Rome's material past in honour of B. R. Hartley*. Oxbow Monograph: Oxford. 80. p. 60-109.
- DIOGO, A. M.; TRINDADE, Laura (2000) – Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: IPA, 3:1, pp. 181-196.
- FERNANDES, Lúcia; SEPÚLVEDA, Eurico; ANTUNES; Márcio (2012) – Teatro romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*. *Al-madani*. Almada. 2:17, pp. 44-55.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. The British School at Rome. Londres.
- LOPES, M^a Conceição (1994) – *A sigillata de Represas* (Coleção F. Nunes Ribeiro). Tratamento informático. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia; VAZ PINTO, Inês (2014) – The significance of African Cooking Ware in Lusitania: The Case of Tróia (Portugal). In *Rei Cretariae Romanae Fautorum*. Acta 43. Bonn. pp. 701-708.
- MEES, Allard W. (2014) – Punzen gestempelter südgallischer Reliefsigillata aus den Werkstätten von La Graufesenque / Teil 1. Menschen – Götter – mythologische Figuren. Römisch-Germanisches Zentralmuseum Forschungsinstitut für Archäologie.
- OXÉ, August; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip (2000) – *Corpus Vasorum Arretinorum* (2^a Edição), Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH.
- PARREIRA, José e MACEDO, Marta (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. *Congresso de 150 Anos Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 747-754.
- PASSELAC, Michel e VERNHET, Alain (1993) – Céramique sigillée sud-gauloise. In *Lattara*. 6, Dicocer: dictionnaire des céramiques antiques (VII^{ème} s. av. n. è. – VII^{ème} s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan). Lattes (France): Edition de l'Association pour la recherche archéologique en Languedoc oriental.
- PAZ PERALTA, Juan Ángel (2008) – Las producciones de *terra sigillata* intermedia y media. In BERNAL CASASOLA, Dario; RIBERA I LACOMBA, Albert (eds.) – *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. XXVI Congreso Internacional de la Asociación *Rei Cretariae Romanae* Fautores. Cádiz: Universidad de Cádiz. pp. 495-539.
- POLAK, Marinus (2000) – South Gaulish *Terra sigillata* with potter's stamps from Vechten. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* – Supplementum 9. Nijmegen.
- RIBEIRO, Inês (2010) – *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada.
- ROCHA, Artur (2011) – *Edifício Sede do Banco de Portugal – Lisboa. Relatório dos trabalhos arqueológicos de 2010 e 2011*. Vol. IA – Edifícios Correntes. Lisboa. Relatório policopiado disponível na Biblioteca da DGPC.
- ROCHA, Artur; REPRESAS, Jéssica; MIGUEZ, João; INOCÊNCIO, Joana (2013) – Edifício sede do banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. *Congresso de 150 Anos Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1011-1018.
- ROMERO CARNICERO, M^a Victoria (1999) – El taller de las Palmetas. In ROCA ROUMENS, Mercé e FERNÁNDEZ GARCÍA, M^a Isabel (eds.) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz*, Jaén/Málaga: Univers. de Jaén/Universidad de Málaga, pp. 169-208.
- SANTOS, Ana Beatriz (2015) – *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre. Fotocopiada ou policopiada.
- SEPÚLVEDA, Eurico; VALE, Ana; SOUSA, Vitor; SANTOS, Vitor e GUERREIRO, Natalina (2002) – A cronologia do circo de *Olisipo*: a *Terra Sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 245-275.
- SILVA, Rodrigo B. (2012) – *As marcas de oleiro na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor. Fotocopiada ou policopiada.
- VÁZQUEZ PAZ, Jacobo e GARCÍA VARGAS, Enrique (2014) – Imitaciones Béticas de *sigillata*: contextos del s. I a.c.-II d. c. en la Plaza de la Encarnación y el Patio de Banderas del Real Alcázar de Sevilla. In GARCÍA FERNÁNDEZ, Fran-

cisco José e GARCÍA VARGAS, Enrique (eds.) – *Comer a la moda: Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética Occidental durante la antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Col·lecció Instrumenta. 46. Barcelona: Universitat de Barcelona. pp. 301-321.

VIEGAS, Catarina (2007) – Les céramiques tardives dans les sites du sud-ouest de la Péninsule Ibérique (Algarve – Portugal). In BONIFAY, Michel e TRÉGLIA, Jean-Christophe, eds. – *LRCW2 Late Roman Coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean*. Archaeology and Archaeometry, vol. I. Oxford: Archaeopress. (BAR Int. series 1662.1), pp. 71-83.

VIEGAS, Catarina; ARRUDA, Ana Margarida (2014) – A cerâmica de cozinha africana e as suas imitações em Monte Molião (Lagos, Portugal). In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, Maria José (ed. cient.) – *Monografias Ex Officina Hispana II*. Actas do II Congresso Internacional da SECAH (Braga 2013). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispânia: Madrid. pp. 247-260.

Online: Disponível em [Samian Research Database, Römisch-Germanisches Zentralmuseum Mainz (RGZM)]. <http://www.rgzm.de/samian> (acedida em 16.6.2023).

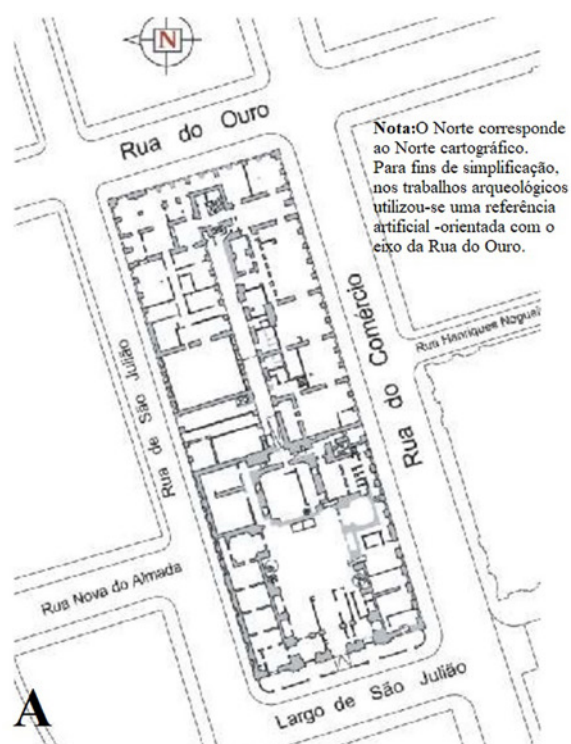
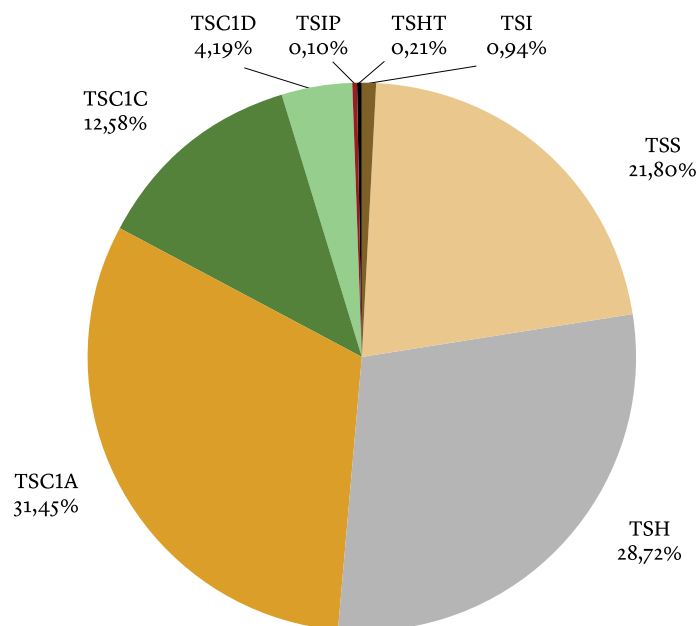


Figura 1 – A) Localização do sítio no quarteirão que ocupa; B) e C) Perfil estratigráfico onde se observam os Horizontes sedimentares (gentilmente cedidas por Artur Rocha); D) Estado dos horizontes antes da limpeza do perfil (gentilmente cedida por Artur Rocha).

A



B

Categoria	Fabrico	NºFrag	% Nº Frag	NMI	% NMI	Fig.
Terra sigillata	TSI	9	0,94%	5	1,54%	Fig. 4 (nº 1 a 5)
	TSS	208	21,80%	65	20,00%	Fig. 4 (nº 6 a 21)
	TSH	274	28,72%	87	26,77%	Fig. 5 (nº 22 a 39)
	TSIP	1	0,10%	1	0,31%	Fig. 5 (nº 41)
	TSC1A	300	31,45%	125	38,46%	Fig. 5 (nº 42 a 48)
	TSC1C	120	12,58%	26	8,00%	Fig. 6 (nº 49 a 52)
	TSC1D	40	4,19%	15	4,62%	Fig. 6 (nº 53 a 58)
	TSHT	2	0,21%	1	0,31%	Fig. 5 (nº 40)
	Total	954	100,00%	325	100,00%	
Cerâmica Cozinha Africana	A	47	20,35%	29	17,90%	Fig. 6 (nº 59 a 67)
	B	15	6,49%	21	12,96%	Fig. 6 (nº 59 a 67)
	C	6	2,60%	0	0,00%	Fig. 6 (nº 59 a 67)
	C/A	117	50,65%	108	66,67%	Fig. 6 (nº 59 a 67)
	Indeterminada	46	19,91%	4	2,47%	Fig. 6 (nº 59 a 67)
	Total	231	100,00%	162	100,00%	
TOTAIS		1185		487		

Figura 2 – **A)** Gráfico da distribuição do total dos fragmentos das diferentes categorias de *terra sigillata*; **B)** Tabela com o Número de fragmentos e o Número Mínimo de Indivíduos por categorias cerâmicas e fabricos.

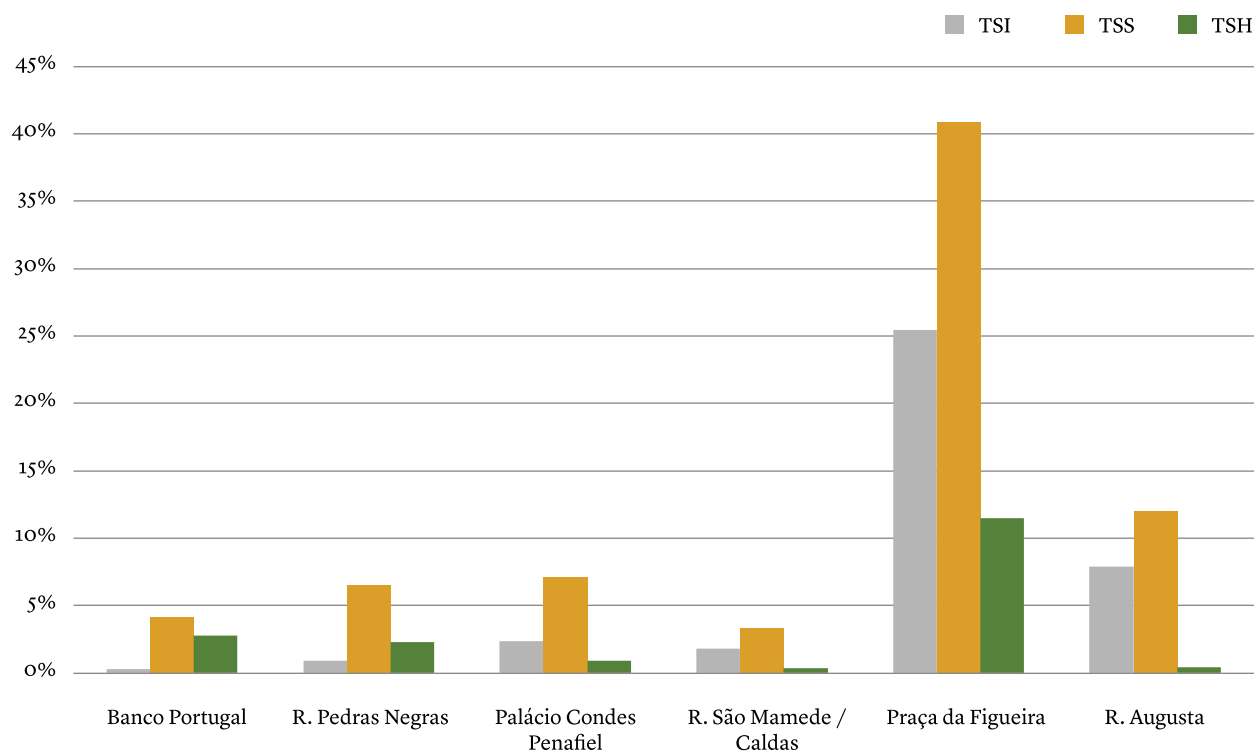


Figura 3 – Gráfico Estimativa das quantidades médias anuais das diferentes categorias de *terra sigillata* recebida na área de Lisboa.

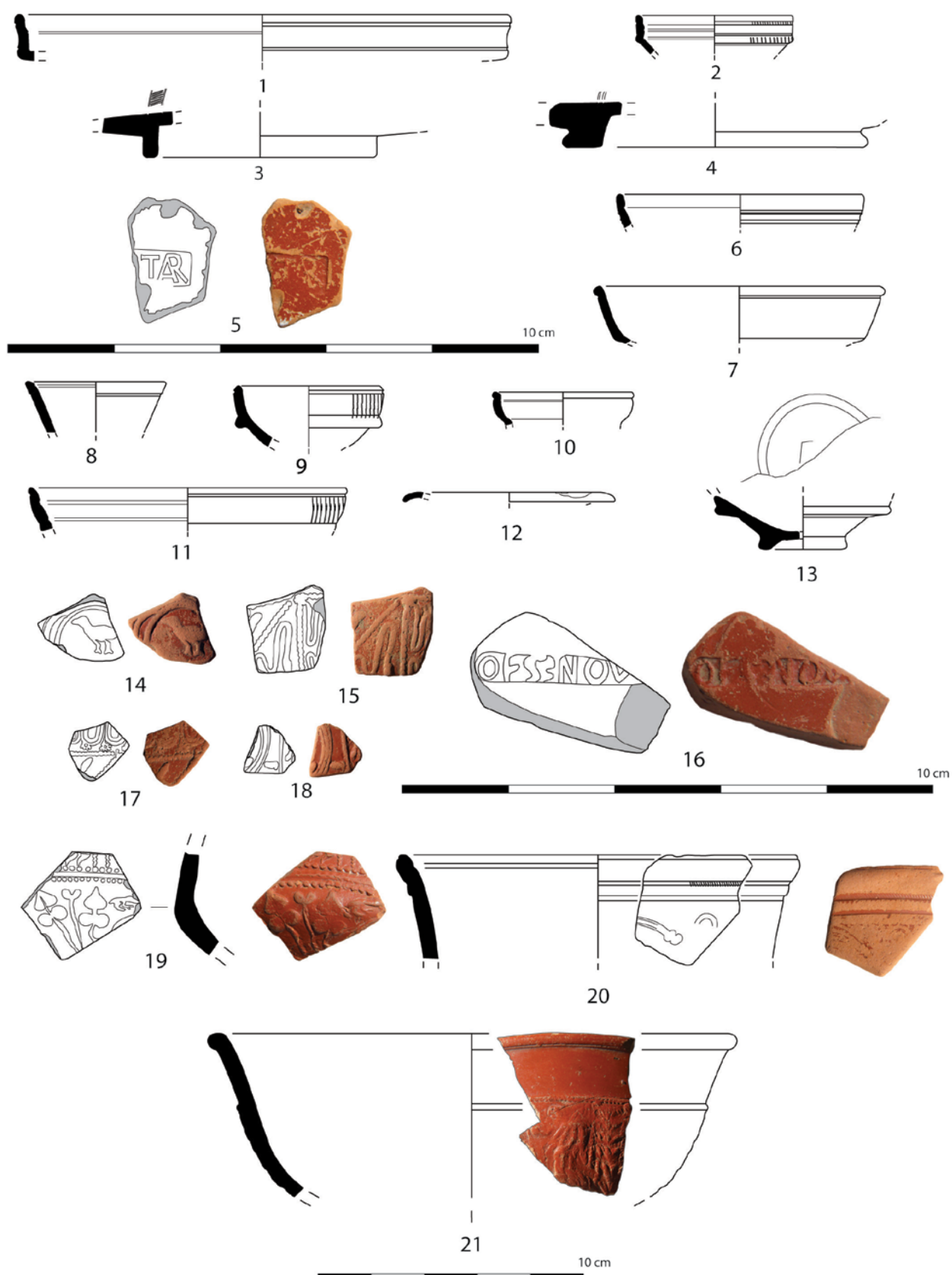


Figura 4 - *Terra sigillata* itálica (1 a 5). *Sigillata* sudgálica (6 a 21). Formas lisas à escala 1:3 e formas decoradas à escala 1:2 e marcas de oleiro à escala 1:1.

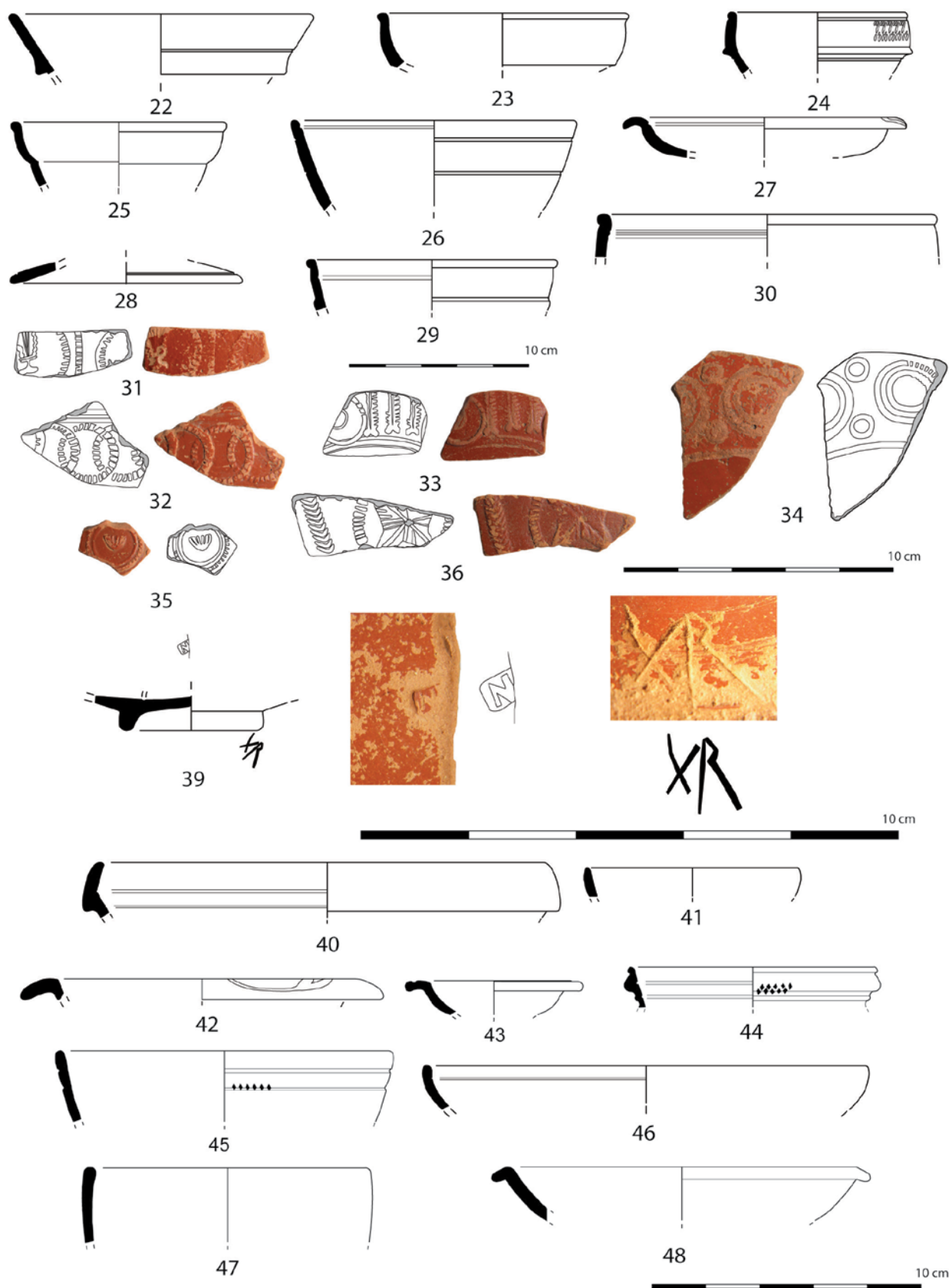


Figura 5 – *Terra sigillata* hispânica (22 ao 39); hispânica tardia (40); imitação tipo de Peñaflores (41); *sigillata* clara A (42 ao 48). Formas lisas à escala 1:3 e decoradas à escala 1:2.

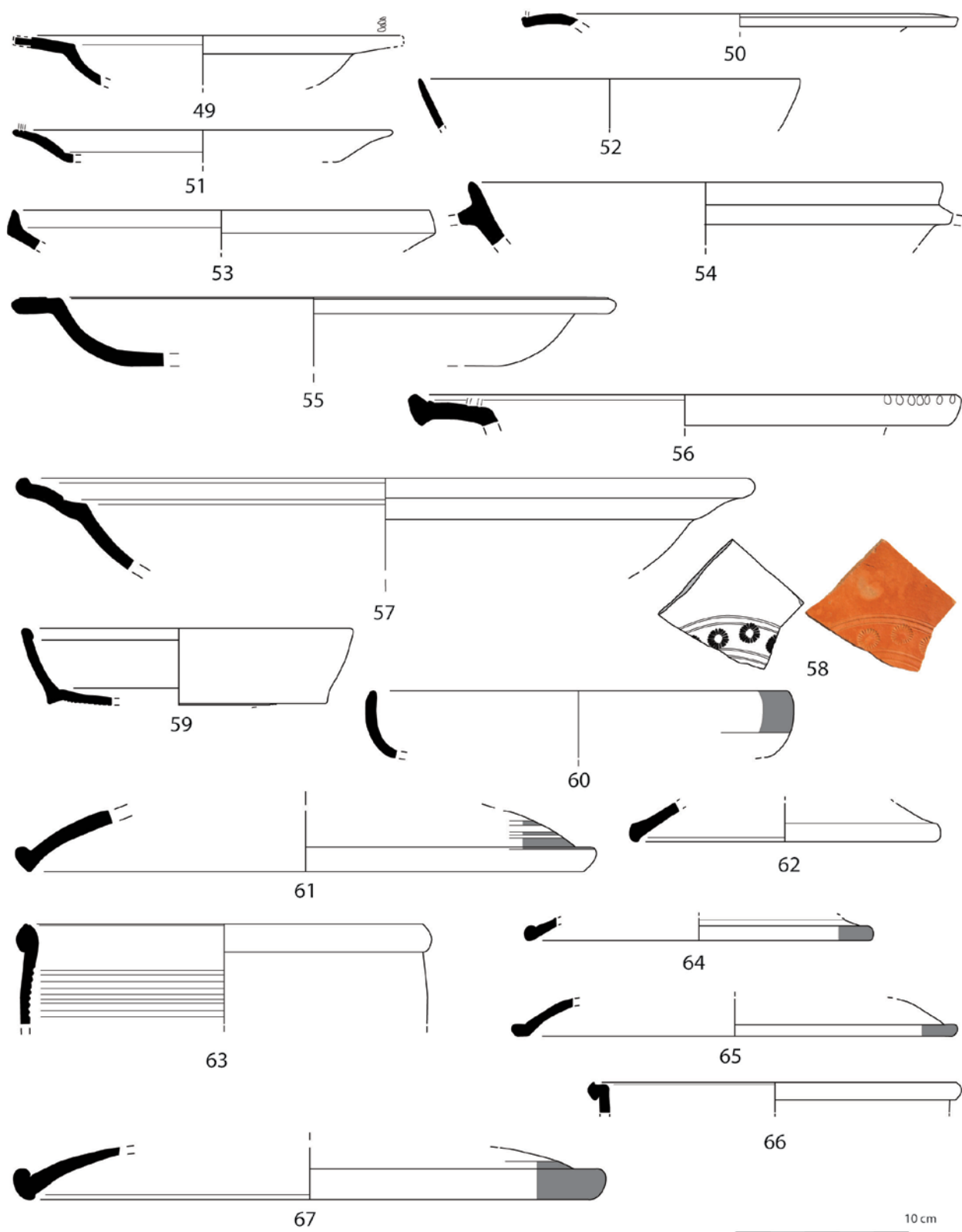


Figura 6 – *Terra sigillata* clara C (49 ao 52) e clara D (53 ao 58). Formas lisas à escala 1:3 e decoradas à escala 1:2. Cerâmica de Cozinha Africana (59 ao 67). Formas lisas à escala 1:3 e decoradas à escala 1:2.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UL
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**